



Suicídio juvenil: um problema social e pastoral

Youth Suicide: A Social and Pastoral Problem

*Vilmar Dal Bó Maccari**

*Eugênio Luedcke Filho***

Recebido em: 08/11/2019. Aceito em: 29/11/2019.

Resumo: O presente artigo desenvolve uma reflexão social e pastoral sobre a problemática do suicídio e da autolesão de jovens. Embora pouco se fale sobre esse assunto, o suicídio é a segunda maior causa de morte entre jovens no mundo e a terceira maior no Brasil. Além disso, estima-se, que para cada caso de suicídio consumado houve outros dez que tentaram e sobreviveram. Em vista desta triste, silenciosa e urgente realidade, buscamos trazer para dentro da reflexão teológica esse complexo tema, que por muitos anos ficou silenciado e agora mais do que nunca, precisa ser resgatado, trazê-lo à luz, para que possamos encontrar caminhos para preveni-lo e superá-lo. Em vista de alcançar tal objetivo, organizamos esse artigo em quatro seções: na primeira e na segunda seção buscamos definir o que é ser jovem na sociedade atual e apresentamos alguns dados estatísticos com breve reflexão sobre a epidemia suicida e autolesiva no Brasil e no mundo; na terceira seção, abordamos o problema do suicídio como um fenômeno social intrinsecamente relacionado ao modelo econômico ao estilo de vida da sociedade contemporânea; na quarta seção apresentamos algumas iniciativas de políticas públicas que já estão sendo desenvolvidas pelo Estado, Igreja e ONGs, para prevenção do suicídio. Essa pesquisa é de natureza básica, de caráter exploratório e bibliográfico, e a forma de tratamento dos dados é qualitativa.

* Doutorando em Ciências Econômicas e Políticas (Instituto Universitário Sophia, Firenze, Itália). Mestre em Estudos Políticos e Moral Social (Instituto Universitário Sophia, Firenze, 2014). Professor da Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC). Assessor Parlamentar na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina. E-mail: vilmar.dalbo@gmail.com

** Especialista em Educação e realidade brasileira (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018). Especialista em Educação especial e educação inclusiva (UNINTER, Curitiba, 2012). Graduado em Pedagogia (FACINTER, Chopinzinho, PR, 2010). Bacharel em Filosofia (UNISUL, Palhoça, 2019). Bacharel em Teologia (Faculdade Católica de Santa Catarina, 2019). E-mail: eugenioluedcke@hotmail.com



Palavras-chave: *Suicídio juvenil. Sociedade consumista. Teologia pastoral.*

Abstract: *This article develops a social and pastoral reflection on the issue of suicide and youth self-harm. Although little is said on this subject, suicide is the second leading cause of death among young people in the world and the third largest in Brazil. In addition, it is estimated that for each completed suicide case there were ten others who tried and survived. In view of this sad, silent and urgent reality, we seek to bring into theological reflection this complex theme, which for many years has been silenced and now more than ever, needs to be rescued, to bring it to light so that we can find cumin to prevent it and overcome it. In order to achieve this goal, we have organized this article into four sections: in the first and second sections we seek to define what it is to be young in today's society and present some statistical data with a brief reflection on the suicidal and self-injurious epidemic in Brazil and in the world; In the third section, we address the problem of suicide as a social phenomenon intrinsically related to the economic model and lifestyle of contemporary society; In the fourth section we present some public policy initiatives that are already being developed by the State, Church and NGOs to prevent suicide. This research is basic in nature, exploratory and bibliographic in nature, and the form of data treatment is qualitative.*

Keywords: *Juvenile suicide. Consumer society. Pastoral theology.*

Introdução

Já nos parece natural quando algum jovem tira a vida por razões aparentemente fúteis. De início, na tentativa de entender o que aconteceu ou encontrar algum culpado pela morte daquele jovem, surgem várias respostas sem perguntas e muitas perguntas sem respostas. São comuns frases como: é mais um jovem que tirou a vida à toa! Nossa ele parecia tão feliz! Logo agora que passou no vestibular! Ele parecia tão normal, nunca pensei que ele iria se matar mesmo! De quem é a culpa por ele ter se matado? Ninguém percebeu nada de diferente com ele nesses últimos dias? Nossa, é uma pena mesmo, mas a vida segue né! Essas e muitas outras frases aparecem diante do suicídio de um jovem. Assim, como cegos guiando cegos,¹ segue-se a vida procurando um culpado entre as vítimas, e não conseguimos olhar para além das barreiras ideológicas, econômicas, sociais e até mesmo religiosas que nos são impostas pelo sistema de morte.

O suicídio por si só já é um tema bastante complexo. Quando se trata de suicídio juvenil, ele se torna ainda mais complexo, devido aos muitos fatores que envolvem esta fase da vida: as crises existenciais,

¹ BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. Lc 6, 39.



transformações físicas, afetivas, mentais (naturais da idade), aceitação da raça/cor, gênero, opção sexual, condição social, econômica e muitos outros elementos que somados ou isolados, deixam o jovem em condição de maior vulnerabilidade para desenvolver uma mentalidade autolesiva e suicida.

Estes e muitos outros fatores sociais e biológicos são potencializados pela pressão midiática do mercado, que provoca principalmente nos jovens uma situação de ansiedade, angústia e um sofrimento mental e físico que chega às raias do insuportável. Este sofrimento é tão grande que muitos chegam ao ponto de buscar na autolesão uma forma de externalizar a dor, a tensão e o *stress* que estão sentindo. Já outros, diante de um sofrimento semelhante, somados a uma total desesperança, sem conseguir ver alguma perspectiva de vida futura, pensam que a única forma de acabar com o sofrimento que estão sentindo é tirar a própria vida.²

Portanto, estamos diante de um problema que não é apenas, social, biológico, psicológico ou espiritual. Essa problemática é muito mais complexa do que podemos imaginar, pois ela perpassa por diversas dimensões da sociedade, tanto no que tange as causas das mortes, como também no que diz respeito aos caminhos de prevenção e superação deste mal. Em vista disso, o presente artigo aborda os fenômenos do suicídio e da autolesão como um problema pastoral, que por diversas razões é um assunto que não se fala, mas está cada vez mais presente dentro e fora das comunidades eclesiais e na maioria das vezes não sabemos o que fazer.

Essa pesquisa justifica-se por vários motivos, dentre eles, que o suicídio juvenil já é considerado um problema de saúde pública em grande parte do mundo, e por muitos pesquisadores já é comparada a uma epidemia mundial. No Brasil, de acordo com os últimos dados do Ministério da Saúde morrem em média 32 pessoas vítimas de suicídio por dia. Além disso, já foi confirmado um aumento de 32% no índice de suicídio entre jovens nas duas últimas décadas. Embora não se tenham dados oficiais dos últimos dois anos, estima-se que esses números seguem aumentando, principalmente entre os jovens e adolescentes.

Outro elemento preocupante é o crescimento de uma mentalidade suicida e autolesiva entre os jovens. Estima-se que a cada dez tentativas em tirar a própria vida, apenas uma termina em morte. Portanto, os índices de suicídios que temos acesso são apenas a ponta do *iceberg* de um

² BOTEGA, Nery. J. *Crise suicida: avaliação e manejo*. Porto Alegre: Artmed. 2015. p. 35.



fenômeno extremamente preocupante que nos deparamos diariamente em nossas atividades pastorais. Daí a necessidade de termos o mínimo de conhecimento de causa, para perceber, acolher e orientar tantos jovens que chegam até nós em busca de uma palavra que os animem a continuar vivendo.³

O suicídio é uma tragédia silenciosa e silenciada, que não costuma aparecer nos veículos de comunicação, devido a um tabu social que tende a ocultar a realidade dos casos.⁴ Em vista deste silêncio obsequioso, o principal objetivo desse artigo é trazer esse tema tão complexo para dentro da reflexão teológica, para que à luz da fé possamos buscar caminhos pastorais em favor da vida, que segundo o Papa João Paulo II é “[...] núcleo central da missão redentora de Jesus, que diz: Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância”.⁵

Para cumprir esse objetivo geral, organizamos esse artigo em quatro seções com objetivos específicos complementares: na primeira seção buscamos definir o que é ser jovem na sociedade atual; na segunda seção apresentamos alguns dados estatísticos e uma breve reflexão sobre o suicídio no Brasil; na terceira seção, sem querer generalizar, abordamos problema do suicídio e da autolesão como um fenômeno social, intrinsecamente relacionado ao modelo econômico e ao estilo de vida da sociedade contemporânea; na quarta seção apresentamos possíveis caminhos de superação dessa cultura de morte a partir de algumas políticas públicas que já estão sendo desenvolvidas por parte do Estado, Igreja, ONGs, congregações religiosas e leigos engajados na proteção da vida em sua integralidade.

Essa pesquisa é de natureza básica de caráter exploratório bibliográfico e a forma de tratamento dos dados é qualitativa. Por ser uma pesquisa exploratória não se pretende esgotar todos os questionamentos sobre o suicídio juvenil, mas abrir caminhos para novas pesquisas nessa área tão complexa, urgente e necessária que é a defesa da vida.

³ LUEDKE, F. Eugênio. Suicídio juvenil e sociedade: Primeiras aproximações. *Cadernos Zygmunt Bauman*, vol. 9, num. 20, 2019. p. 174-204. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/11565/6776>>. Acesso em: 04 out. 2019. p. 187.

⁴ VALE, Lucio A. *E foram deixados para trás: Uma reflexão sobre o fenômeno do suicídio*. São Paulo: Loyola, 2017. p. 21.

⁵ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Evangelium Vitae*. Paulinas: São Paulo, 1995. p. 5; EV 1.



1 O que é juventude?

Vivemos em um tempo em que “ser jovens” é sinal de poder, vigor e beleza. Por isso, criou-se o fetiche da juventude eterna, onde crianças desde a mais tenra idade anseiam em ser jovens. Do outro extremo da pirâmide etária, percebemos que adultos e idosos não querem deixar de ser jovens mesmo na velhice. A definição do que ser jovens pode ser o mais claro reflexo da relativização e da subjetividade da sociedade contemporânea. Nesta mesma linha de pensamento, Bourdieu afirma que, “[...] a juventude é apenas uma palavra, somos sempre o jovem ou o velho de alguém.”⁶ Com essa afirmação provocadora, Bourdieu busca mostrar que as divisões, em classes de idades ou em gerações são apenas construções sociais variáveis que facilmente se tornam objetos de manipulação de acordo com os interesses de determinados grupos ou indivíduos.

No entanto, sem nos alongarmos nas diversas definições e reflexões do que é ser jovem hoje, devemos ter uma concepção clara, de que estamos tratando de jovens com as suas vidas concretas, com alegrias e desafios próprios das suas idades, e que “[...] muitas destas vidas estão sujeitas ao sofrimento e à manipulação de interesses diversos.”⁷ Nesse sentido o Papa Francisco em uma entrevista ao jornalista Thomas Leoncini, quando questionado o que é juventude? Respondeu:

*Juventude não existe. Quando falamos de juventude, muitas vezes nos referimos ao mito da juventude. Porém gosto de pensar o que existe em seu lugar, são os jovens. Muitas vezes nos deixamos levar pela cultura do substantivo. A juventude, claro, é um substantivo, mas um substantivo sem um suporte real; é uma ideia que permanece órfã de uma criação visual.*⁸

Essa definição é fundamental para não perdermos de vista a certeza de que estamos falando de pessoas reais, vidas humanas que possuem vários rostos, idades, cores/raças, classes sociais e gêneros. Ou seja, quando Francisco afirma que “a juventude não existe,” ele quer destacar que não é possível analisar de forma abstrata, pois são jovens com as

⁶ BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIS, Renato. (Org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. Trad. Montero, P.; Auzmendi, A. São Paulo: Ática, 1983. p. 113.

⁷ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Christus Vivit*. Vaticano: 2019, não paginado. Disponível em: <encurtador.com.br/alotJ>. Acesso em: 15 abr. 2015, CV 71.

⁸ FRANCISCO. *Deus é Jovem: uma conversa com Thomas Leoncini*. Trad. João Carlos Almeida. São Paulo: Planeta, 2018. p. 16.



suas vidas concretas, com sonhos e desafios reais.⁹ O documento 85 da CNBB sobre a evangelização da juventude conceitua a juventude como:

[...] a fase do ciclo da vida em que se encontram os maiores problemas e desafios, mas é, também, a fase de maior energia e criatividade, generosidade e potencial para o engajamento. [...] Trata-se de uma fase marcada por processos de desenvolvimento, inserção social e definição de identidades, o que exige experimentação intensa em diversas esferas da vida.¹⁰

No entanto, na perspectiva de alguns sociólogos, juventude é apenas uma construção social, já para alguns psicanalistas é apenas uma fase de transição, de criança para a vida adulta. Todavia, a definição mais aceita é a etária, mas mesmo assim não existe um consenso, pois cada grupo considera fatores diferentes para sua definição. A fim de facilitar o entendimento estatístico, com base na Lei n.º 12.852, de agosto de 2013, que instituiu o Estatuto da Juventude no Brasil “[...]compreende-se por jovem as pessoas na faixa etária dos 15 aos 29 anos”¹¹ levando-se em conta o tempo de formação escolar e profissional.

Como afirma Libânio, a juventude é fruto do seu tempo, pois ao longo da história assume posturas, identidades e motivações distintas, de acordo com o contexto de cada época. Na década de 1970, os jovens eram movidos por ideologias políticas, possuíam sonhos grandiosos e utópicos. Já, a juventude da década de 1980 possuía sonhos possíveis, mas a realização desses sonhos tinha um fim individualista, que geralmente eram bens de consumo materiais já motivados pela globalização neoliberal. Com a pós-modernidade veio outro apelo, “[...] acenava-lhes unicamente para o presente. Diz-lhes: esqueçam o passado! Não se queimem por futuro impossível! Vivam o presente! Esse presentíssimo se manifesta na perda da consciência histórica e ética.”¹²

Assim, deu-se origem a uma juventude que se conforma em reproduzir modelos midiáticos fabricados pelas mídias de massa.

⁹ FRANCISCO, 2019, não paginado; CV 71.

¹⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais*. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 23; Doc. 85, 26.

¹¹ SENADO FEDERAL. *Estatuto da Juventude: atos internacionais e normas correlatas*. Brasília: Senado Federal; Coordenação de Edições Técnicas, 2013. Disponível em: <encurtador.com.br/qFP78>. Acesso em: 26 mar. 2019, p. 26.

¹² LIBÂNIO, João Batista. *Para onde vai a juventude? Reflexões pastorais*; São Paulo: Paulus, 2011. p. 144.



Jovens fragmentados, imersos num mundo líquido e consumista. Esse consumismo repercute no individualismo, no isolamento e consequentemente em uma identidade fluída, sem valores ou identidades sólidas. Diante dessa situação, os jovens enxergam na sociedade líquida sua própria impotência diante de outro mundo possível e não veem alternativas, a não ser conformar-se com as realidades impostas pelo sistema capitalista globalizado e assim procurar viver sem utopias e esperanças de um mundo melhor.¹³

Segundo o Documento 85 da CNBB, destacam-se três marcas da juventude atual, “o medo de sobrar, por causa do desemprego; o medo de morrer precocemente, por causa da violência, e o medo de viver no mundo desconectado, por causa da *internet*.”¹⁴ Em síntese, pode-se dizer que a juventude vive com medo, e talvez seja por essa razão que assumiu uma posição de passividade frente aos grandes problemas da sociedade.

Esse modelo de jovem, idealizado pelo mercado, usa da natural vitalidade juvenil, associada à busca por novidades a serem experimentadas e consumidas, facilitadas pela velocidade das trocas e relações virtuais imediatas, gerando nos jovens uma insaciabilidade que os leva a um vazio existencial, de modo que já não encontram razões ou sentido para viver. Esse processo pode explicar a ocorrência frequente de muitos jovens com problemas afetivos, adoecidos psicologicamente, acometidos da depressão, síndrome de ansiedade, síndrome do pânico e outras psicopatologias contemporâneas.¹⁵

2 O suicídio juvenil

Atualmente, o significado da palavra suicídio está vinculado mais à intencionalidade do sujeito do que ao ato propriamente dito. Fairbair, defensor desta posição, considera que as intenções devem ser mais relevantes do que a própria consequência.¹⁶ De acordo com Nery José Botega, constata-se um crescimento considerável de um comportamento suicida entre os jovens. Estima-se que a cada dez tentativas de tirar a

¹³ BAUMAN, Zigmunt. *A Ética é possível num mundo de consumidores?* Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 12-15.

¹⁴ CNBB, 2007, p. 27; Doc. 85, 34.

¹⁵ SAKAMOTO, Cleusa. A fase da juventude. *Vida Pastoral*. Ano 59, n. 322, p. 3-8, 2018, p. 4.

¹⁶ FAIRBAIR, Gavin J. *Reflexões em torno do suicídio: A linguagem e a ética do dano pessoal*. São Paulo: Paulus, 1990. p. 117.



própria vida apenas uma termina em morte.¹⁷ Portanto, devemos ter em mente que os números de suicídios e autolesão registrados são apenas a ponta do *iceberg*, ou seja, uma pequena proporção daqueles que padecem de uma mentalidade suicida. Esse comportamento é cada vez mais presente entre os jovens contemporâneos. Conforme apresentado no Projeto de Lei 10.331./2018 “As tentativas e consumações de suicídios têm tomado proporções de praticamente uma epidemia entre a população jovem mundial nas duas últimas décadas”.¹⁸

Segundo o psiquiatra André de Mattos Salles, médico do Hospital Universitário de Brasília, em entrevista à Rádio Câmara, a automutilação pode atingir um em cada cinco adolescentes e jovens no mundo. “Em nosso país, tem aumentado esse número a cada ano. Atualmente é o oitavo no mundo em número de casos.”¹⁹ De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) o suicídio já é considerado um problema de saúde pública. Tendo em vista que mais de 800 mil pessoas no mundo morrem por suicídio a cada ano, cerca de uma morte a cada quarenta segundos. Já é a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos. Sendo que 75% dos suicídios ocorrem em países de renda média e baixa.²⁰

Na maioria dos países que fazem parte das estatísticas da OMS o número de vítimas por suicídio vem sendo reduzido gradativamente nas últimas três décadas. Contrariando as estatísticas mundiais, o Brasil está entre os oito países que continuam aumentando esses números a cada ano. O que chama a atenção é o aumento de 30% entre a população jovem.²¹

No Brasil, de acordo com dados do Ministério da Saúde, são contabilizados em média 16 mil casos de suicídio por ano, cerca de 30 mortes por dia.²² Embora não se tenha dados oficiais em nível nacional a partir de 2017, muitos pesquisadores da área, fundamentados em dados regionais e municipais, afirmam que os números continuam aumentando.

¹⁷ BOTEGA, 2015, p. 39.

¹⁸ CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Projeto de Lei 10.331/2018*. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2177204>>. Acesso em: 28 abr. 2019, p. 3.

¹⁹ CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2019, p. 2.

²⁰ NAÇÕES UNIDAS, OMS, 2018.

²¹ SETEMBRO AMARELO. Disponível em: <<http://setembroamarelo.org.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

²² SETEMBRO AMARELO, 2018.



do consideravelmente desde 2017. Apesar desses dados preocupantes, a questão do suicídio e da autolesão ainda não são vistos no Brasil como prioridade pelos órgãos públicos, apesar de algumas iniciativas de políticas públicas de prevenção ao suicídio e autolesão, conforme apresentaremos na quarta seção.

O crescimento do suicídio entre jovens pode estar relacionado ao fato de que é justamente nesse período em que o jovem começa a entrar no mercado de trabalho, almejar entrar na universidade, enfim, buscar sua autonomia. Porém, em muitos casos, isso não lhes é permitido ou quando conseguem vencer a competição por um emprego, são obrigados a submeter-se a condições desumanas, como trabalho sob extrema pressão e com excessiva carga horária. Em decorrência disso, muitos não suportam e passam a desenvolver problemas de saúde mental e o suicídio é o fim para muitos desses jovens. Isso pode ser um indício de que o suicídio está relacionado diretamente com as desigualdades sociais impostas pelo modelo econômico e de sociedade vigente.

3 Suicídio juvenil um fenômeno social

Segundo Libânio, se lançarmos um olhar mais profundo sobre as causas da violência, incluindo a violência contra si mesmo, é possível perceber que a autolesão e o suicídio são resultados da decomposição dos valores que dão sentido à existência. A decadência de tais valores deve-se em grande parte à instância econômica que atinge os extremos da vida humana.²³ “De um lado temos a carência dos bens fundamentais, que atingem a maioria da humanidade, devido ao modelo econômico em vigor [...] Por outro lado à sociedade do desperdício e do consumismo materialista” que também está vazia de sentido e já não encontra outra razão para viver do que consumir.²⁴ Ou seja, tanto pela carência, como pela superabundância de bens materiais, as injustiças econômicas criam brechas físicas, sociais e espirituais, de onde surgem as crises éticas e existenciais, que resultam na perda do sentido da vida própria e do outro.

Para fundamentar nossa abordagem buscamos no pensamento de Èmile Durkheim, que foi um dos primeiro a investigar o fenômeno do suicídio sob uma perspectiva sociológica de “[...] que a sociedade deter-

²³ LIBANIO, João B. *Jovens em tempo de pós-modernidade: Considerações socioculturais e pastorais*. Edições Loyola, São Paulo, 2004. p. 85.

²⁴ LIBANIO, 2004, p. 85.



mina a triste decisão da pessoa dar fim a sua existência”.²⁵ O diferencial do pensamento de Durkheim, para os outros pensadores de seu tempo, é que ele volta sua atenção não para a ação isolada deste ou daquele indivíduo ou grupo social, mas para a média de suicídios no interior de uma sociedade determinada.²⁶

A partir dessa percepção, Durkheim investiga o fenômeno do suicídio como um fato coletivo de ordem social e não como uma psicopatologia, diferentemente dos outros pesquisadores da época. Assim, Durkheim define como suicídio “[...] todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, executado pela própria vítima, que ela sabia que deveria produzir esse resultado.”²⁷

Essa mesma visão já era compartilhada por Marx em sua obra *Sobre o Suicídio*, quando afirma que o suicídio pode ser derivado de um vício constitutivo da sociedade, haja vista, que os números aumentam em épocas de crise econômica.²⁸ Marx vê o suicídio como um dos sintomas da luta social, resultante da forma como a sociedade capitalista está organizada. Segundo ele, da forma como a sociedade estava organizada já era esperado um elevado número de suicídios, uma vez que os indivíduos da classe trabalhadora são explorados até suas últimas forças, de modo que o trabalho é a única razão para viver e morrer.²⁹ Desse modo “[...] o suicídio não é mais do que um entre os mil e um sintomas da luta social geral.”³⁰

Conforme já apresentado, o suicídio juvenil tem crescido consideravelmente nas últimas três décadas, no Brasil e em vários outros países do mundo, principalmente nos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Também, nesse mesmo período, o capitalismo consolidou-se como um sistema mundial integrado, e como afirma Camargo, “[...] o capitalismo contemporâneo é mundial e integrado e potencialmente colonizou o conjunto do planeta, porque tende a fazer com que nenhuma

²⁵ VARES, Sidnei F. O problema do suicídio em Émile Durkheim. *Revista do Instituto de Ciências Humanas*, vol. 13, n. 18, 2017 p. 13-36. Disponível em: <<http://periodicos.puc-minas.br/index.php/revistaich/article/view/15869/12785>>. Acesso em: 10 out. 2018, p. 15.

²⁶ LUEDKE, F. 2019. p. 190.

²⁷ DURKHEIM, Emile. *O Suicídio: estudo de sociologia*. Trad. Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Edipro, 2014. p. 212.

²⁸ VARES, 2018, p. 15.

²⁹ MARX, Karl. *Sobre o suicídio*. Trad. R. Enderle; F. Fontanella. São Paulo: Editorial Bontempo, 2006. p. 30.

³⁰ MARX, 2016, p. 20-50.



atividade humana e nenhum setor de produção fique fora do seu controle.³¹ Desse modo, o modelo econômico passou a controlar não apenas a relação de produção e consumo, mas praticamente todos os níveis das relações humanas.³² Partindo desse pressuposto, pode-se afirmar que o capitalismo mundial integrado (CMI) tem grande influência no crescente número de suicídios de jovens no Brasil.

Esse modelo econômico impulsiona a cultura do descartável e direciona o comportamento dos indivíduos, principalmente dos jovens, por meio da modelização das subjetividades para que vivam insatisfeitos e ansiosos por consumir cada vez mais, e quanto mais consomem mais vazios se sentem. Nesse sentido, o Papa Francisco alerta aos jovens que “[...] a publicidade ensina as pessoas a estar sempre insatisfeitas, contribuindo assim para a cultura do descarte, onde os próprios jovens acabam transformados em material descartável.”³³

Nesse sentido, olhando para a indiferença da sociedade de seu tempo o jovem Marx escreve citando Jean-Jacques Rousseau:

*[...] a sociedade moderna é um deserto, habitado por bestas selvagens. Cada indivíduo está isolado dos demais, é um entre milhões, numa espécie de solidão em massa. As pessoas agem entre si como estranhas, numa relação de hostilidade mútua: nessa sociedade de luta e competição impiedosa, de guerra de todos contra todos, somente o que resta ao indivíduo é ser vítima ou carrasco. Eis, portanto, o contexto social que explica o desespero e o suicídio.*³⁴

Também o Papa Francisco olhando para a indiferença da sociedade atual, marcada pelo individualismo, pelas bolhas sociais que unem os iguais por conveniência e exclui o diferente, percebe que consciente ou inconsciente as pessoas lutam com todas as forças para manter esse ideal egoísta e consumista propagado pelas mídias de massa a serviço do mercado mundial. Uma sociedade que faz de tudo para acompanhar

³¹ CAMARGO, 2018. p. 72.

³² CAMARGO, A. C. Felix Guattari: o capitalismo mundial integrado. In *VII Seminário de Pós-graduação e Filosofia da UFSCar*, 2011, São Carlos, p. 69-76. Anais eletrônicos. São Paulo, UFSCar, 2011. Disponível em: <encurtador.com.br/gmpW4>. Acesso em: 23 ago. 2018, p. 72.

³³ FRANCISCO, 2006, não paginado; CV 78.

³⁴ MARX, Karl. *Sobre o suicídio*. Trad. R. Enderle & F. Fontanella. São Paulo: Editorial Bontempo, 2006. p.16.



os lançamentos do mercado, mas que por outro lado é totalmente alheia, indiferente ao sofrimento e às dores do outro.³⁵

*Quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe. A cultura do bem-estar anestesia-nos, a ponto de perdermos a serenidade se o mercado oferece algo que ainda não compramos, enquanto todas estas vidas ceifadas por falta de possibilidades nos parecem um mero espetáculo que não nos incomoda de forma alguma.*³⁶

Percebe-se que os equipamentos coletivos, os meios de comunicação e a publicidade, interferem nos níveis mais íntimos da vida humana provocando ações e reações muitas vezes drásticas. Isto leva os jovens a viver num individualismo extremo, obrigados a submeterem-se a uma competição injusta, onde a sociedade transforma-se na arena em que os jovens precisam lutar uns contra os outros para sobreviver. Essa realidade competitiva que surge no mercado de trabalho repercute em todos os outros níveis das relações humanas, fazendo com que cada indivíduo se isole cada vez mais e torne-se totalmente indiferente a dor do irmão.³⁷

Portanto, os jovens vivem marcados pela instabilidade, ansiedade, e pelo medo, sem uma projeção de futuro para além dos limites que lhes são impostos pelo mercado. Essa condição de insegurança é incentivada pelo sistema capitalista, para manter as pessoas presas ao imediatismo. Entretanto, como afirma Boff “[...] para superarmos a crise precisamos elaborar um novo sonho e articular um novo sentido de vida”.³⁸ Para reconstruir o sentido da vida, o primeiro passo é desenvolver a sensibilidade para com a dor e os sentimentos do outro. Como diz Francisco “Não podemos ser uma Igreja que não chora à vista dos dramas de seus filhos. Porque, quem não sabe chorar, não é mãe.”³⁹

³⁵ FRANCISCO, 2019, não paginado; EG 54.

³⁶ FRANCISCO, 2019, não paginado; EG 54.

³⁷ LIBANIO, 2004, p. 142.

³⁸ BOFF, Leonardo. *Civilização planetária: desafios da sociedade e o cristianismo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 91.

³⁹ FRANCISCO, 2006, não paginado; CV 75.



4 Possíveis caminhos: políticas públicas de prevenção ao suicídio

O Estado preocupado com os alarmantes índices de suicídio e da autolesão, principalmente entre os jovens de 15 a 29 anos, aprovou o Projeto de Lei n. 10331/2018, em 30 de maio de 2018, instituindo a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementado pela União, em cooperação com os estados, o distrito federal e os municípios, a partir de 2020.⁴⁰

Este projeto de lei pretende estabelecer uma notificação compulsória aos episódios de violência autoprovoçada. Afim de que os serviços de saúde obrigatoriamente notifiquem as autoridades sanitárias quando atenderem casos de autolesão, tentativa de suicídio, ou de suicídio confirmado. Segundo o Ministério da Saúde essas medidas permitirão um melhor controle epidemiológico e atuação mais rápida e eficaz, principalmente quando as vítimas forem crianças e adolescentes.⁴¹

As diretrizes dessa Lei irão regular também os planos de saúde a fim de garantir um tratamento psicológico diferenciado dos hospitais e clínicas para as pessoas em sofrimento psíquico agudo ou crônico, além de garantir acesso à atenção psicossocial às vítimas e seus familiares. Para além dos cuidados paliativos, visa informar e sensibilizar a sociedade sobre a importância da formação à gestores, profissionais de saúde e da educação para identificação e orientação das possíveis vítimas de suicídio.⁴²

Outra ação do Ministério da Saúde é a parceria com Centro de Valorização da vida (CVV) que implica na liberação do número “188”, para atendimentos, via telefone, *e-mail*, *Skype* ou pessoalmente. Nestes canais, são realizados mais de dois milhões de atendimentos anuais, por aproximadamente 3.400 voluntários, espalhados nos 24 estados mais o Distrito Federal. Essa parceria possibilitará que o atendimento se estenda para todo o território nacional até 2020.

A função dos voluntários do CVV é oferecer um trabalho de escuta qualificada e orientação para as pessoas que pensam em tirar a própria vida ou estão precisando de alguém para conversar. Outra atividade

⁴⁰ CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2019, p. 1.

⁴¹ CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2019, p. 4.

⁴² CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2019, p. 3.



que resulta da parceria entre o governo Federal e o CVV é a Campanha “Setembro Amarelo” que visa conscientizar e apresentar à população caminhos para prevenção do suicídio e da autolesão.

Também em abril desse ano o Ministério da Saúde lançou no ambiente virtual de Aprendizagem do Sistema Único de Saúde, (AVA-SUS) um curso gratuito de prevenção ao suicídio e autolesão. Esse curso é indicado para profissionais que atuam no atendimento direto desses casos, mas pode ser acessado e cursado por qualquer pessoa interessada em aprender mais sobre como ajudar os que padecem de uma mentalidade autolesiva.

Também a comunidade eclesial, atenta aos problemas atuais, está se abrindo e buscando alternativas para tratar da problemática do suicídio e da autolesão com seriedade e humanidade. Tanto que no Sínodo da Juventude a problemática do suicídio e a perda do sentido da vida, foi um tema transversal abordado em diversas situações, por bispos de todo o mundo, como aponta o seu documento final:

*O mundo juvenil está profundamente marcado pela experiência da vulnerabilidade, da deficiência, da enfermidade e da dor. Em numerosos países aumenta, principalmente entre os jovens, a proliferação de formas de mal-estar psicológico, depressão, doença mental e distúrbios alimentares, associados a experiências de profunda infelicidade ou à incapacidade de encontrar uma posição no seio da sociedade. Finalmente, não deve ser esquecido o trágico fenômeno do suicídio.*⁴³

Respondendo ao apelo dos jovens, o Papa Francisco na Exortação Apostólica Pós-sinodal *Chritus Vivit*, exorta aos jovens para que não percam a esperança, não façam da vida uma sala de espera, que sejam protagonistas de suas vidas. Enfim, que vivam plenamente a vida com a alegria e o entusiasmo que lhe são próprios. No Brasil motivado pelo apelo do Papa e também respondendo a urgência que a defesa da vida exige, a Campanha da Fraternidade de 2020 tratará do tema: “Fraternidade e vida: dom e compromisso”. Iluminados pelo texto de Lucas 10, 33-34 que diz “Vi, sentiu compaixão e cuidou dele”. Espera-se, assim, suscitar ainda mais nos membros da Igreja e na sociedade geral o senti-

⁴³ ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XV. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*: documento final, carta aos jovens. Vaticano: 2018. Disponível em: <encurtador.com.br/iIRT3>. Acesso em: 27 mar. 2019, p. 16, 44



mento de alteridade, de compaixão e atenção para com a dor do outro, todos pela defesa da vida.

Além das iniciativas do magistério e da CNBB, podemos encontrar varias iniciativas práticas que já estão sendo realizadas em diversas paróquias. Dentre as atividades destacamos os grupos de apoio aos sobreviventes e enlutados por suicídio, que são realizados em parceria com o CVV comunidades, ou com religiosos e leigos capacitados em psicologia ou áreas afins. Outra iniciativa são os subsídios desenvolvidos pela Pastoral da Juventude nacional, para ser trabalhados com os diversos grupos juvenis, nas escolas e universidades e grupos de jovens das paróquias e turmas de catequese, com atividades, reflexões e dinâmicas que visam a valorização da vida e consequentemente a prevenção do suicídio

Portanto, embora ainda tímidas diante da urgência que a problemática do suicídio juvenil implica, tanto o Estado quanto a Igreja, já esboçam reações e iniciativas para prevenção do suicídio e da autolesão. Percebemos que ainda temos muito a fazer para superar essa cultura de morte e reduzir o número de suicídio, todavia, pode-se dizer que o primeiro passo foi dado. A sociedade está tomando consciência do problema e está buscando meios para superá-lo, pois a defesa da vida é nossa principal missão.

5 Considerações finais

Ao longo dessa pesquisa abordamos a problemática do suicídio e da automutilação de jovens em uma perspectiva social, teológica e pastoral, Apresentamos o suicídio como uma patologia social resultante do modelo econômico vigente como também reconhecemos que o capitalismo não é o único responsável pelo suicídio e pela automutilação dos jovens na sociedade atual. Observamos também que a frustração advinda dos modelos apresentados pela mídia leva muitos jovens a um vazio existencial, a perda do sentido para viver, consequentemente, recorrem à autolesão e ao suicídio como a única forma de materializar no próprio corpo o sofrimento e a angústia que estão sentindo.

Constatamos que o desejo de morte proveniente dessa sociedade só poderá ser transformado em vida a partir de diálogos reflexivos, que busquem emancipar os sujeitos por meio de políticas públicas, de uma espiritualidade encarnada na realidade concreta de cada grupo, que de-



envolva no jovem a capacidade de sonhar, e ter esperanças de que um novo mundo é possível.

Percebemos que o problema do suicídio juvenil é considerado por alguns pesquisadores da área como uma epidemia mundial, a segunda maior causa de morte entre jovens no mundo e a terceira principal no Brasil. Devido à gravidade do problema, mesmo que tardiamente, já podemos encontrar algumas políticas públicas provenientes do Estado, Igreja, e ONGs para prevenção do suicídio e autolesão, como também apoio aos sobreviventes e enlutados por suicídio. Mesmo com essas iniciativas, falar sobre o suicídio ainda é um tabu que precisa ser rompido, para que as pessoas que padecem de uma ideação suicida tenham abertura de expor sua dor, e sintam-se acolhidas sem julgamento ou acusações, mas simplesmente, sintam-se amadas por Deus e pelos irmãos.

Referências

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XV. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*: documento final, carta aos jovens. Vaticano: 2018. Disponível em: <encurtador.com.br/iIRT3>. Acesso em: 27 mar. 2019.

BAUMAN, Zigmunt. *A Ética é possível num mundo de consumidores?* Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Leonardo. *Civilização planetária: desafios da sociedade e o cristianismo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BOTEGA, Nery. J. *Crise suicida: avaliação e manejo*. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIS, Renato. (Org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. p. 82-121, Trad. Montero, P.; Auzmendi, A. São Paulo: Ática, 1983.

CAMARGO, A. C. *Felix Guattari: o capitalismo mundial integrado*. In VII Seminário de Pós-graduação e Filosofia da UFSCar, 2011, São Carlos, p. 69-76. Anais eletrônicos. São Paulo, UFSCar, 2011. Disponível em: <encurtador.com.br/gmpW4>. Acesso em: 23 ago. 2018.

CÂMERA DOS DEPUTADOS. *Projeto de Lei 10.331/2018*. Disponível em: <encurtador.com.br/acnxS>. Acesso em: 28 abr. 2019.



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais*. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

COMBLIN, José. *O Liberalismo: Ideologia dominante na virada do século*. Coleção Teologia da Libertação. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *A maior esperança*. Petrópolis: Vozes, 1970.

DURKHEIM, Emile. *O Suicídio: estudo de sociologia*. Trad. Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Edipro, 2014.

LUEDKE, F. Eugênio. Suicídio Juvenil e sociedade: Primeiras aproximações. *Cadernos Zygmunt Bauman*, vol. 9, num. 20, 2019. p. 174-204. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/11565/6776>>. Acesso em: 04 out. 2019.

FAIRBAIR, Gavin J. *Reflexões em torno do suicídio: A linguagem e a ética do dano pessoal*. São Paulo: Paulus, 1990.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Christus Vivit*. Vaticano, 2019, não paginado. Disponível em: <encurtador.com.br/alotJ>. Acesso em: 15 abr. 2019.

FRANCISCO. *Deus é Jovem: uma conversa com Thomas Leonicine*. Trad. João Carlos Almeida. São Paulo: Planeta, 2018.

LIBANIO, João B. *Jovens em tempo de pós-modernidade: Considerações socioculturais e pastorais*. Edições Loyola, São Paulo, 2004.

_____. *Para onde vai a juventude? Reflexões pastorais*; São Paulo: Paulus, 2011.

MARX, Karl. *Sobre o suicídio*. Trad. R. Enderle & F. Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2006.

NAÇÕES UNIDAS, OMS, 2018.

SAKAMOTO, Cleusa. A fase da juventude. *Vida Pastoral*. Ano 59, n. 322, p. 3-8, 2018.

SENADO FEDERAL. *Estatuto da Juventude: atos internacionais e normas correlatas*. Brasília: Senado Federal; Coordenação de Edições Técnicas, 2013. Disponível em: <encurtador.com.br/qFP78>. Acesso em: 26 mar. 2019.

SETEMBRO AMARELO. Disponível em: <<http://setembroamarelo.org.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2018.



VALE, Lucio A. *E foram deixados para trás: Uma reflexão sobre o fenômeno do suicídio.*, São Paulo: Edições Loyola, 2017.

VARES, Sidnei F. O problema do suicídio em Émile Durkheim. *Revista do Instituto de Ciências Humanas*, vol. 13, n. 18, 2017 p. 13-36. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/15869/12785>>. Acesso em: 10 out. 2018.